AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES COMO LUGARES DE MEMÓRIA E HISTÓRIA

Thais Jesus Bastos[1]; Ana Elizabeth Santos Alves[2]

1. Mestranda no programa de pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS-UESB). Licenciada em Pedagogia (UESB). Jequié, BA, Brasil. thaisjesusbastos@gmail.com
2. Doutorado em educação (Unicamp). Professora do programa de pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS-UESB). Vitória da Conquista, BA, Brasil. anaelizabeth.anamestrado@gmail.com

Introdução

As instituições escolares, frequentemente são analisadas a partir de sua função pedagógica, mas no presente estudo, busca-se fazer uma breve análise se as escolas podem ser compreendidas como lugares de memória e de história. Parte-se do pressuposto que as instituições escolares, por sua permanência no tempo, carregam memórias e histórias que não apenas desejamos, mas também precisamos conhecer. Em cada escola, acumulam-se narrativas, símbolos, documentos, práticas e recordações que ultrapassam o campo estrito do ensino, constituindo-se em expressões da vida social. Nesse sentido, pode-se dizer que a escola é um marco de memórias.

O Historiador Pierre Nora (1993) cunhou o termo “lugares de memória” para situar a memória coletiva dos povos cristalizada em museus, arquivos, monumentos, hinos, sítios arqueológicos etc., com o objetivo de preservar os acontecimentos passados. As nossas reflexões a respeito desse conceito, nos levaram a questionar: será que podemos considerar as instituições escolares como “lugares de memória”? Nesse sentido, o objetivo desta comunicação científica é discutir como as instituições escolares podem ser compreendidas como lugares de memória e história. E, especificamente, buscou-se: descrever, brevemente, a definição de instituições escolares e a sua origem; conceituar lugares de memória e estabelecer uma correlação com as instituições escolares, e, por fim, faz-se as considerações finais.

O interesse por compreender as escolas como lugares de memória decorre da percepção de que a educação não ocorre apenas na transmissão formal de conteúdos, mas também no modo como os indivíduos e comunidades se reconhecem em suas histórias e experiências coletivas vividas neste lugar. Como afirma Nora (1993), os lugares de memória emergem da necessidade de preservar referências identitárias frente às transformações sociais e culturais. Logo, a escola, por sua permanência física, simbólica e social, torna-se um desses lugares de memória.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho realizou-se uma pesquisa bibliográfica. Conforme aponta Lakatos e Marconi (2003, p. 183) a pesquisa bibliográfica “propicia o

exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras". A investigação apoiou-se nos textos de Aníbal Ponce (1998), Dermeval Saviani (2007) e Pierre Nora (1993).

Resultados e discussão

De acordo Saviani (2007), a palavra instituição deriva do latim *institutio*, onis. O autor destaca que esse termo possui variações de significados podendo ser classificados em quatro definições: "1. Disposição; plano; arranjo. 2. Instrução; ensino; educação. 3. Criação; formação. 4. Método; sistema; escola; seita; doutrina" (Torrinha, 1945, p. 432 *apud* Saviani, 2007, p. 3), sendo assim, no próprio significado da palavra instituição está em evidência o sentido de educação. Ele salienta que as instituições são criadas pelos seres humanos para atender determinadas necessidades das pessoas de caráter permanente e se constituem como unidades de ação.

Dessa forma, a origem e o funcionamento de estabelecimentos institucionais acontecem, sobretudo, com base nas relações sociais impostas pelos indivíduos que a administram. E o seu surgimento aconteceu quando as atividades que antes eram exercidas de maneira informal passaram a exigir uma intervenção mais firmada e, com isso, surgiu a necessidade de criar instituições para desenvolver o aprimoramento das atividades desenvolvidas pelos sujeitos em sociedade. Saviani (2007) acrescenta que as instituições desempenham atividades secundárias oriundas de atividades de tipo primário e precisam se autorreproduzir.

Logo, as instituições educativas também seguem estes princípios, primeiro porque surgem para suprir a necessidade de instruir as crianças e jovens, ou seja, são criadas para suprir a carência de ensino sistematizado, segundo deriva da educação informal e passa a se tornar formal no momento que se institucionaliza e terceiro porque se trata de um sistema de ensino que produz e reproduz seus próprios agentes internos.

Portanto, a escola é o resultado das relações sociais, possui características especificas das demais instituições, produz e reproduz aspectos culturais, oferta educação formal, desenvolve um trabalho pedagógico secundário, diferente do trabalho pedagógico primário que é desenvolvido no meio familiar, entretanto, abrange uma educação de tipo secundário proveniente da educação de tipo primário. O aparecimento das primeiras escolas ocorreu relacionado com o contexto histórico do surgimento da divisão do trabalho e das classes sociais.

A educação nas sociedades primitivas acontecia de forma espontânea, coletiva e sem divisões, de acordo com o meio social da época que era caracterizado pelo modo coletivo de coexistência em sociedade. Ponce (1998, p. 19) enfatiza que "nas comunidades primitivas, o ensino era para a vida e por meio da vida; para aprender a manejar o arco a criança caçava; para aprender a guiar um barco, navegava. As crianças se educavam tomando parte nas funções da coletividade", porém com o surgimento da propriedade privada e, consequentemente a criação do Estado, a sociedade passou a ser dividida em classes.

Com isso, o sistema educacional resultou em divisões entre educação para classe dominante e para classe dominada. Sendo assim, "a educação dos membros da classe que

dispõe de ócio, de lazer, de tempo livre passa a se organizar na forma escolar, contrapondo-se à educação da maioria que continua a coincidir com o processo de trabalho" (Saviani, 2007, p. 9), ou seja, as pessoas ricas tinham acesso à educação formal nas instituições de ensino existentes na época e as pessoas pobres continuavam a aprender de forma espontânea no convívio com os membros da família no seu meio familiar, social e de trabalho. Na Grécia Antiga, por exemplo, o sistema educacional voltado para os homens livres era a *paidéia* que consistia em formar o cidadão, enquanto a educação de pessoas escravizadas acontecia durante o seu próprio processo de trabalho, denominado de *duléia*.

No período grego antigo, o Estado exercia um importante papel no sistema organizacional da educação, na Idade Média a educação passa a ser fortemente impulsionada pela Igreja Católica e com o surgimento do sistema capitalista aconteceram determinantes mudanças na educação, no qual colocou "em posição central o protagonismo do Estado, forjando a ideia da escola pública, universal, gratuita, leiga e obrigatória, cujas tentativas de realização passarão pelas mais diversas vicissitudes" (Saviani, 2007, p. 12), logo se percebe que ao longo dos tempos a escola sofre transformações inerentes ao contexto histórico ao qual ela está inserida.

Ao reconhecer que a escola se modifica ao longo do tempo em função das condições históricas que a atravessam, é possível entendê-la para além de sua função pedagógica, como um lugar que também preserva, produz e ressignifica memórias coletivas. Nessa perspectiva, as contribuições dos estudos sobre patrimônio cultural ampliam essa compreensão, sobretudo a partir das reflexões de Nora (1993) acerca do conceito de "lugares de memória".

Segundo Nora (1993), os lugares de memória podem ser materiais ou imateriais, estes dois domínios, "a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos a mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração" (Nora, 1993, p. 21). De acordo com o autor, para serem considerados lugares de memória eles devem pertencer às dimensões materiais, simbólicas e funcionais, em plena interação, com apenas graus diferentes. Assim, o princípio de lugares de memória defendido por Pierre Nora (1993) equivale à coexistência das três dimensões mencionadas em torno do lugar que pode ser tangível ou abstrato, constituído da interação entre história e memória. Pois, sem esta interação os lugares de memória se tornariam somente lugares de história, é a vontade de memória que legitima estes lugares como ditos de memória.

Nora (1997 *apud* Gonçalves, 2012, p. 34) define "lugares de memória*"* como "toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer". Então, são considerados lugares de memória, todos os locais tangíveis e intangíveis onde se cristalizaram a memória de uma sociedade representada por valores simbólicos e de pertencimento. Para o autor, são lugares materiais, simbólicos ou funcionais que ganham relevância histórica porque concentram significados compartilhados. Nesse sentido, a instituição escolar, pela sua materialidade, por seus símbolos e rituais, e por sua função social, pode ser interpretada como um lugar de memória.

Então, pode-se dizer que as escolas, como lugares de memória, funcionam como pontos de referência e de pertencimento para a comunidade. Desde a preservação da estrutura física de seus prédios, como também a valorização das trajetórias traçadas naquele lugar e o reconhecimento de seus sujeitos constituem elementos fundamentais para a identidade social. Ao mesmo tempo que a escola desempenha uma função pedagógica na comunidade, ela guarda uma dimensão histórica, na medida em que se relaciona com os processos de desenvolvimento local, com as transformações políticas e com os movimentos sociais. Sendo assim, compreender a escola como lugar de memória e história significa reconhecê-la como lugar vivo, atravessado por tensões, mas essencial na construção de identidades e na preservação do patrimônio cultural coletivo.

Conclusões

O presente estudo almejou, por meio de estudos bibliográficos, discutir como as instituições escolares podem ser compreendidas como lugares de memória e história. Através dos estudos realizados apresentamos uma breve discussão sobre os conceitos de instituições escolares e o conceito de lugares de memória, e estabelecemos uma correlação entre ambos, tendo em vista, compreender como as escolas podem ser vistas enquanto lugar de memória.

Em relação a análise realizada, permite concluir que as instituições escolares podem sim se configurar enquanto lugares de memória e história, pois acumulam, preservam e ressignificam narrativas, símbolos e práticas que dão sentido à vida social. Sendo assim, sua relevância ultrapassa o âmbito pedagógico, alcançando dimensões identitárias, culturais e patrimoniais. Mas, é importante reconhecer também que as escolas não são neutras. Elas resultam de disputas, seleções e silenciamentos que refletem relações de poder e projetos sociais. Nesse sentido, compreender a escola como lugar de memória implica olhar criticamente para os processos de construção das identidades e das narrativas históricas.

Por fim, ressalta-se a necessidade de aprofundar pesquisas que articulem memória, história e educação, incluindo estudos de caso, narrativas orais e análise documental, de modo a valorizar a escola como lugar de produção cultural, social e histórica.

Palavras-chave: Escola; História; Instituições escolares; Lugares de memória; Memória.

Referências bibliográficas

GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural**. Rio Grande: Historiæ, 2012.
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed., São Paulo: Atlas, 2003.
NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A Problemática dos lugares.** *In*: "Os lugares de Memória". Revista Projeto História, 10. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica/PUC, 1993.
PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. Tradução: José Severo de Camargo Pereira. 16.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

SAVIANI, Dermeval. [et al.] (orgs). **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas, SP: Autores Associados: HistTEDBR; Sorocaba, SP: Uniso; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.